

# Aleksandr Blok – Cleópatra

O museu triste da rainha  
Há um, dois, três anos já se abriu.  
Bêbada e louca a turba ainda se apinha...  
Ela espera no túmulo sombrio.

Jaz na sinistra caixa  
De vidro, nem morta nem viva.  
Sobre ela a multidão saliva  
Palavras torpes em voz baixa.

Ela se estende preguiçosamente  
No sono eterno a que se recolhera...  
Lenta e suave, uma serpente  
Morde o peito de cera.

Eu mesmo, fútil e perverso,  
Com olheiras de anil,  
Vim ver o lúgubre perfil  
Na cera fria imerso.

Todos te contemplamos neste instante.  
Se essa tumba não fosse uma mentira  
Eu ouviria, outra vez, arrogante,  
Teu lábio putrefato que suspira:

“Dai-me incenso. Esparzi-me flores.  
Em eras anteriores  
Fui rainha do Egito. Hoje sou só  
Cera. Apodrecimento. Pó.”

“Rainha! O que há em ti que me fascina?  
No Egito, como escravo, eu te adorei.  
Agora a sorte me destina  
A ser poeta e rei.

Da tua tumba não vês que já imperas

Na Rússia como em Roma? Não vê, mais,  
Que eu e César, em séculos e eras,  
Ante o destino seremos iguais?"

Emudeço. Contemplo. Ela não muda.  
Só o peito pulsa, quase  
Respirando entre a gaze,  
E ouço uma fala muda:

"Outrora eu suscitei paixões e lutas.  
O que suscito agora?  
Um poeta bêbado que chora  
E o riso bêbado das prostitutas."

**Aleksandr Blok, Poesia da recusa**